

Magistério do papa Francisco: *Evangelii Gaudium*

Lição 1

Alegria do Evangelho e evangelho da alegria.

O papa Francisco começou seu pontificado em março de 2013. Ele herdou do papa emérito, Bento XVI, a encíclica que Bento estava preparando, sobre a Fé: *Lumen Fidei*, que ele mesmo terminou e publicou em junho daquele mesmo ano. Porém no ano anterior, em outubro de 2012, tinha acontecido o Sínodo dos bispos com o foco na “Nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Como é costume, o papa recolhe as reflexões, os debates e os resultados, e elabora uma Exortação Apostólica Pós-sinodal. Sobre a evangelização ficou célebre a Exortação *Evangelii Nuntiandi* (Sobre o dever de anunciar o evangelho) de Paulo VI, em 1975. O papa Francisco recebeu a incumbência, portanto, do sínodo que o antecedeu no pontificado e em novembro de 2013 ele publicava *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho).

A importância fundamental desta Exortação é que o papa Francisco viu nela a ocasião para apresentar o programa de seu pontificado. Portanto ela é mais do que uma exortação pós-sinodal. O que está nela acompanha todo o pontificado do papa Francisco. E mais: ele pede a toda a Igreja, a todos os católicos, que se insiram neste programa para sermos uma Igreja unida em torno da evangelização: “Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos”(EG 1).

A exortação está dividida em cinco capítulos. Na introdução, antes mesmo da parte em que apresenta motivações, contexto e intenções do texto, apresenta o fundamento da alegria cristã: a fé em Jesus, a sua presença viva que mantém e comunica alegria inclusive nos momentos de sofrimento, porque é alegria mais forte e inabalável do que os sentimentos: é alegria em Deus. Dela deriva a alegria de ser cristão e de ser evangelizador e evangelizadora.

O primeiro capítulo tem como título “transformação missionária da Igreja”. Lembra muito o nosso texto latino-americano resultante da Conferência dos bispos de Aparecida, de 2007, sobre a conversão pastoral e missionária da Igreja. Insiste em uma Igreja “em saída”, o que ele diria mais tarde de forma espontânea, que prefere ser uma Igreja “machucada” por ter andado por caminhos difíceis do que uma Igreja “mofada” por se conservar fechada.

O segundo capítulo olha com honestidade e coragem para os problemas do mundo e da Igreja de hoje, que desafiam a evangelização. Leva por título, de forma já sintomática: “Na crise do compromisso comunitário”. O papa coloca assim imediatamente o dedo na ferida que mais desafia ser cristão. De fato, a vida em comunidade, no mundo em que vivemos, está passando por uma transformação e uma crise muito grande. Ela vem da área da economia, do mercado, do individualismo,

da exclusão, do crescimento de desigualdades. Mas há desafios também da riqueza da diversidade cultural, da necessidade de traduzir o evangelho em culturas urbanas. A Igreja pode se sentir em perigo e se fechar, tornar-se pessimista. Ao invés disso, o papa recorda que Jesus pode e deve nos unir na coragem e na autenticidade do testemunho do evangelho.

No terceiro capítulo, sob o título “O anúncio do evangelho”, o papa abre as portas dos recursos da evangelização. Primeiro, o próprio povo cristão, o seu testemunho, os seus carismas diversos. Depois, a palavra evangelizadora, que precisa de uma boa preparação, de catequese, de experiência.

No quarto capítulo, o papa retoma uma tradição típica da fé cristã: as consequências de amor ao próximo que decorre naturalmente da evangelização e se torna ele, mesmo, o amor e a solidariedade, uma forma social de evangelização. Daí o título: “A dimensão social da evangelização”. Cuidar da fragilidade e dos pobres em primeiro lugar, provocar processos pacientes e longos, dialogar em vista da justiça e da paz, tudo isso é detalhado com cuidado.

Finalmente, no capítulo cinco, ele volta para a energia que precisamos a fim de cumprirmos esta missão, o Espírito, a intercessão de Maria e dos santos, o fato de que não estamos sozinhos: “Evangelizadores com Espírito”. Por isso, também, com espiritualidade, com a certeza da eficácia que vem da graça para quem se doa com sinceridade.

A “Alegria do Evangelho” consiste basicamente no anúncio de uma “alegre notícia”, a de que somos uma família humana, habitamos uma casa comum, podemos nos dar as mãos, superar os conflitos e viver em paz e fraternidade. Isso é inaugurado por Jesus e sustentado por seu Espírito. Não é alegria artificial ou passageira, não é emoção psíquica, mas é a profundidade da fé e da graça de Deus, é de fundo teológico, é por isso insuperável, porque vem de Deus mesmo que habita em nós. Por isso a alegria do evangelho é poder levar adiante a notícia da alegria, como diz a palavra grega original: “ev-anghelion”, ou seja, boa notícia! Com esse espírito vamos percorrer e comentar as páginas da Exortação pós-sinodal “*Evangelii Gaudium*”.

Questão: *Qual é a substância e o fundamento da alegria cristã? Porque o papa insiste na postura da “alegria” para a evangelização?*